

Eixo Temático

8. Questões Teórico-Methodológicos da História da Educação

Título

A CULTURA DA ESCOLA DE ENSINO SECUNDÁRIO NO SUL DE MATO GROSSO: PERCURSO NA MEMORIALÍSTICA CORUMBAENSE (1920-1970)

Palavras-chave

Cultura da Escola; Ensino Secundário e Fontes Memorialísticas

Resumo

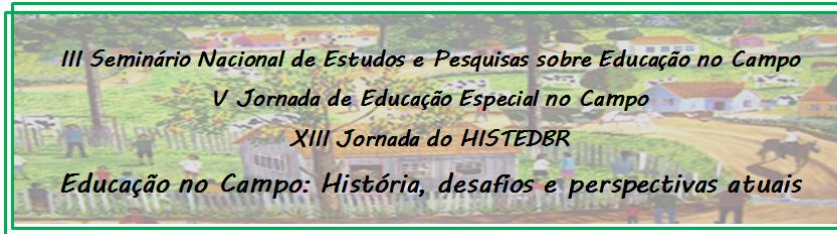
O presente artigo tem como objetivo identificar e analisar elementos da cultura da escola de ensino secundário na cidade de Corumbá, no sul de Mato Grosso, no período que compreende 1920 a 1970, tendo como fonte obras de memorialistas locais. O conceito de cultura escolar e suas variáveis, tempo e espaço, são discutidas com base em Forquin (1992), Julia (2001) e seus interlocutores. No artigo é realizado um breve histórico do ensino secundário tendo como foco a fase de organização e implantação da escola secundária em Mato Grosso. As fontes memorialísticas de Renato Báez e Alceste de Castro trazem indícios da educação corumbaense, que são interpretados a luz do referencial de bourdesiano. As instituições educativas operavam com um ensino voltado às famílias dos grupos de elite, com foco no preparo para importantes posições políticas dentro da sociedade corumbaense e a forte influência da cultura religiosa em suas tradições.

Texto Completo

O presente artigo tem como objetivo identificar e analisar elementos de cultura da escola de ensino secundário na cidade de Corumbá, oeste de Mato Grosso¹, no período que compreende 1920 a 1970, tendo como fonte obras de memorialistas locais.

Com isso compreendermos como cultura escolar, como o “[...] conjunto de saberes que, uma vez organizado, didatizado, compõe a base de conhecimento sobre a qual trabalham professores e alunos.” (SILVA, 2006, p. 205). Para tal, é necessário a compreensão e identificação dos elementos do cotidiano escolar, “Quanto ao espaço, temos a classe com colunas e fileiras; quanto ao tempo, temos os horários e a grade que

¹ O estado de Mato Grosso do Sul (MS) foi criado em 11 de outubro de 1977, quando o presidente da República Ernesto Geisel sancionou a lei que desmembrou a porção sul do estado de Mato Grosso (MT) e deu origem a um novo estado com capital na cidade de Campo Grande.



os coordena. Demarca-se um lugar social que possui, sim, uma linguagem própria – isso que nós chamamos escola.”(BOTO, 2005, p. 64).

De acordo com Forquin (1993), a cultura da escola as características do cotidiano escolar que por sua vez compreende as características como um todo, linguagem, regime e símbolos.

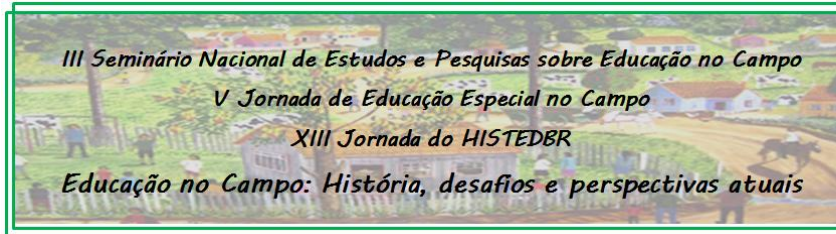
Para isso, nos utilizamos de fontes memorialísticas, que tem como características a escrita e o relato de acontecimentos, pessoas e características de uma determinada região. A principal finalidade desta escrita é preservar tais fatos na história, ou então divulgá-los ao restante do país a fim de tornar conhecida a região. Os escritos podem ser realizados a partir da memória e lembrança do autor, ou a partir das narrativas e opiniões comuns entre os integrantes da sociedade à qual ele se refere.

Embora a fonte memorialística seja compreendida como o discurso do senso comum, a mesma possibilita a elucidação de fatos podem não ser encontrados em documentos oficiais, relatórios ou registros; ajudando na reconstituição da história.

No período histórico compreendido pela pesquisa, o estado hoje conhecido por Mato Grosso do Sul, compreendia a porção sudoeste do estado denominado Mato Grosso. Nesse momento (1920-1970), Corumbá atingia seu apogeu econômico, pois além de ter sido o principal entreposto comercial da região foi uma das primeiras cidades da região a oferecer, seja por iniciativas públicas ou privadas, o curso de ensino secundário.

Os memorialistas selecionados para a pesquisa são dois: Renato Báez e Alceste de Castro. Embora sejam pouco conhecidos na atualidade, contribuem com suas memórias a respeito da cidade de Corumbá, trazendo aspectos do cotidiano, fatos que contribuíram para o desenvolvimento da cidade, aspectos da cultura do homem corumbaense e alguns indícios para que possamos nos aproximar da cultura da escola de ensino secundário.

O ensino secundário compreende a etapa da escolarização formal que sucedia o ensino primário. Equivalente a atual segunda etapa do ensino fundamental e o ensino médio, o ensino secundário preparava os jovens estudantes para o ingresso no ensino superior.



Dessa maneira, o artigo apresenta-se organizado em três tópicos, a saber: no primeiro tópico são realizadas algumas assertivas a respeito da metodologia de pesquisa utilizada, bem como a apresentação dos autores selecionados.

No segundo tópico apresentamos um panorama geral a respeito do ensino secundário no contexto da pesquisa. No terceiro tópico, analisamos os elementos da cultura da escola evidenciados por meio das fontes memorialistas selecionadas na pesquisa. E por fim, trazemos algumas considerações a respeito da compreensão dos achados de pesquisa.

Da Memória à Cultura da Escola: um Percurso Possível

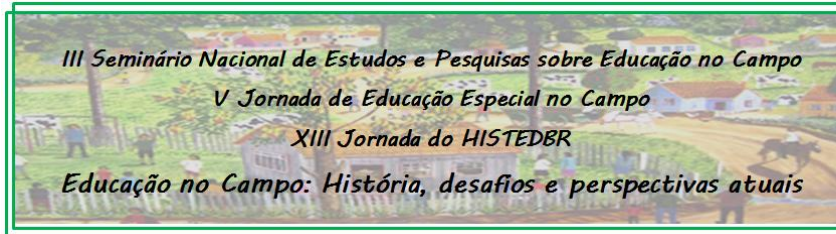
O presente tópico tem como principal objetivo discutir as possibilidades da utilização da memória em estudos incursionados entre a historiografia e sociologia da educação. Pretendemos ainda, apresentar o percurso de seleção dos memorialistas utilizados, bem como os critérios utilizados para selecioná-los.

Julia (2001, p. 15) afirma que: “A história das práticas culturais é, com efeito, a mais difícil de reconstruir porque ela não deixa traço.” Por isso quando nos referimos a tempos consideravelmente distantes, esbarramos no fato de que a seleção de fontes deve tornar-se mais cuidadosa e criteriosa.

Para as pesquisas em história da educação, as fontes históricas como atas, relatórios, livros de ponto, pontos de prova são comumente utilizadas por sua eficácia e confiabilidade, no entanto, a dificuldade está em encontrá-los conservados e organizados. Podemos então dar voz aos sujeitos, recorrendo à memória, onde: “O passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente” (BOSI, 1987, p. 11). Ou seja, Báez e Castro nos possibilitam o contato com situações antigas, como se estivessem sido vivenciadas novamente, em um dialético “[...] processo permanente de construção e reconstrução [da memória]” (BOSI, 1987).

Embora a escrita memorialística não seja imparcial ou livre de distorções

[...] há que se considerar que a obra do memorialista tem um alcance maior do que os trabalhos acadêmicos, no que se refere ao acesso. Daí também emerge a importância de tomar essas obras como objeto de análise, extraindo delas o máximo possível de seu potencial narrativo,



sistematizando seus registros e elucidando elementos subjacentes. (SILVA, 2013, p. 3).

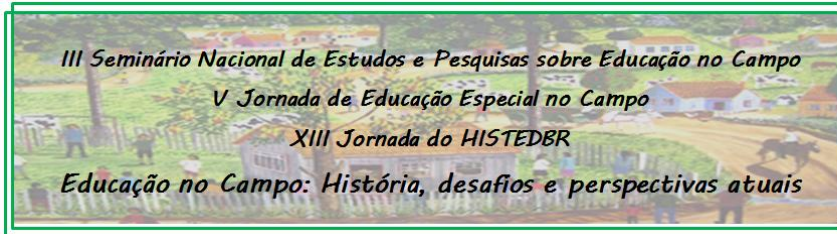
A partir de um levantamento realizado em diversas instituições como Instituto Histórico Sul Mato-Grossense, Academia Sul Mato-Grossense de Letras, Acervo Histórico MS/MT da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Acervo Histórico MS/MT da Biblioteca Isaías Paim, chegamos às obras de Renato Báez. O autor se destacou pelo grande número de obras tendo como enfoque a cidade de Corumbá. Foram contabilizados mais de 40 títulos, tendo todas as mesmas características e objetivos.

Assim, as obras memorialísticas de Renato Báez são aqui as principais fontes de pesquisa para a compreensão da cultura da escola de ensino secundário corumbaense. O autor nasceu na cidade de Porto Murtinho, na divisa com a cidade de Corumbá, no ano de 1920; e faleceu na cidade de São Paulo (SP) em 2002. Como um estudioso da sociedade corumbaense, atuou em diversas áreas exercendo as seguintes profissões: jornalista, advogado, contador, professor e escritor.

A característica principal das obras está na intenção de divulgar da cidade de Corumbá e da região nos diversos cantos do país. A escrita baseou-se na fundação da cidade, fauna e flora, cidadãos de renome, fábricas e empresas, festas e cerimônias religiosas características da região; além disso, listou os principais os principais profissionais liberais, jornais, clubes de futebol, principais hotéis, lanchonetes, parques; muitas vezes chegando a parecer-se com um guia turístico.

O memorialista não teve como objeto de suas memórias a educação corumbaense, dos colégios ou dos estudantes, mas no decorrer de suas páginas sinaliza com algumas pistas para que essa compreensão seja possível. Báez ao tratar da educação como assunto de segundo plano nos proporcionou o conhecimento do memorialista Alceste de Castro, ao citá-lo em seus livros como um importante poeta local.

Nascido em Corumbá em 1919 e falecido no ano de 2000 na cidade de Campinas (SP), o escritor Alceste de Castro foi filho de um dos professores do ensino secundário de Corumbá - Alexandre de Castro. Embora o autor tenha publicado cerca de



doze obras, somente uma delas foi escrita em prosa, o restante foi escrito em versos e não tratou das memórias relativas à educação ou à cidade de Corumbá.

Para a pesquisa foi utilizado o livro “Corumbá de Antigamente”, escrito com o intuito de manter viva na memória dos corumbaenses algumas personalidades importantes e os costumes, que marcaram a década de 1940. O autor também não trata a educação como foco principal em sua obra, mas a traz como assunto secundário em diversas situações, sendo mais recorrente ao tema do que Báez.

Consideramos então, que na memorialística há sempre um jogo de disputas, e intenções. Com as obras de Renato Báez, notamos uma tentativa de forjar uma identidade local, a partir de uma exaltação do homem pantaneiro – chamando a atenção para a virilidade e cordialidade dos sujeitos da região – e para a beleza do pantanal.

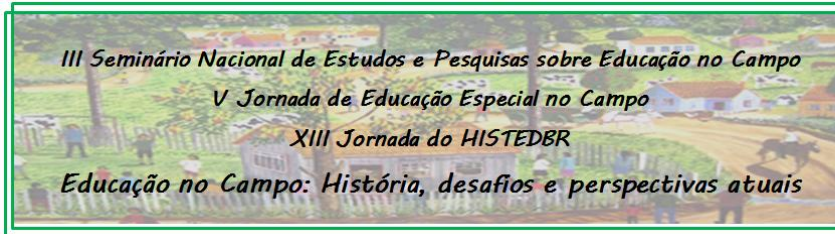
Até mesmo as situações embaraçosas e desagradáveis que poderiam ser considerados como um problema social, o autor a retrata como situações pitorescas e engraçadas. Um exercício que tem como objetivo amenizar as dificuldades e mazelas encontradas na sociedade em que ele descreve, colaborando na construção de uma determinada imagem.

Nesse sentido, há necessidade de compreendermos o papel que nós é imputado como pesquisadores, tendo como referência o trabalho onde articulamos história e memória. Não tomá-las como meros sinônimos é um dos cuidados que devermos ter, tendo em vista as substanciais diferenças identificadas entre ambas.

Para isso, ressaltamos a impossibilidade de tomar a memória como verdade absoluta, mas sim identificar o lugar social da escrita, como forma de compreender a intencionalidade e as circunstâncias de sua produção.

E por fim, não nos deixar cair na ilusão biográfica, um alerta de Bourdieu (1996), para o trabalho com a memória. De acordo com o autor, por mais que as memórias sejam escritas de forma lineares e contínuas, não há unidade, linearidade ou estabilidade na história.

O desafio de trabalhar com história e memória, sem cair na ilusão biográfica, é então o principal exercício da pesquisas com a memorialística corumbaense; onde acrescentamos ainda uma análise sociológica das fontes de Alceste de Castro e Renato Báez.



Ensino Secundário Corumbaense: Questões Fundamentais

Esse tópico tem como objetivo compreender o contexto educacional do ensino secundário brasileiro no período compreendido pela pesquisa. Buscamos identificar a função social dessa etapa ensino, bem como suas repercussões para o cenário corumbaense.

Compreendemos como ensino secundário etapa que dá continuidade à escolarização formal após o término do ensino primário e que antecede e prepara o estudante para o ingresso no ensino superior. O termo foi utilizado oficialmente até o ano de 1971 e sua finalidade social segundo Zotti (2005, p. 30):

[...] está diretamente ligada a formação educativa das minorias, ou seja, um ensino voltado a classe economicamente dominante. Seu objetivo pedagógico tem sido o de proporcionar uma “cultura geral”, que se vinculou até certa época ao currículo das humanidades clássicas e foi se modificando como resposta as novas exigências socioeconômicas [...].

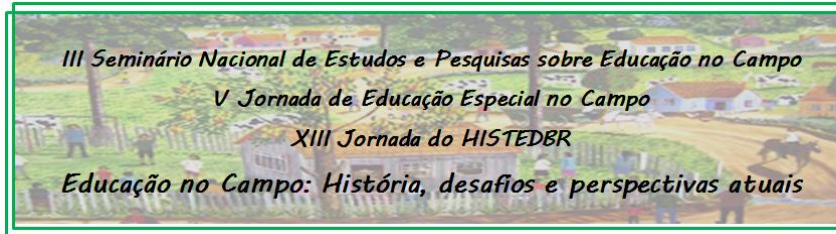
A década de 1920 marca o início da implantação das escolas de ensino secundário na cidade de Corumbá. A década de 1970, por sua vez marca o fim dos exames de admissão, que até o momento havia sido uma das principais características da cultura escolar do ensino secundário.

Quando nos atentamos especificamente à escola secundária entre os anos de 1920 e 1970, é necessário ter em de vista o caráter altamente elitista da sua composição. Conforme assinala Nagle (2001, p. 191):

A escassez de estabelecimentos define, é certo, o caráter altamente seletivo do ensino secundário [...] padrões econômico-sociais, pedagógicos e político-administrativos contribuem para que as escolas secundárias – públicas e particulares – além de reduzidas em número, sejam instituições pagas e, mais do que isto, caras.

Não somente as questões relativas à posse de capital econômico como taxas de exame de admissão, mas também o currículo dessa etapa de ensino esteve voltado para a formação dos grupos de elite.

O ensino secundário configurava-se, no período, como a única forma de o acesso ao ensino superior; e com um currículo majoritariamente humanístico possibilitava o



acesso aos bens culturais, certificando os agentes que por ele passavam e oportunizando aos alunos participação social.

A educação humanística esteve empenhada na formação do homem culto, sensível, polido. Uma educação ligada ao ensino e ao cultivo da cultura clássica – ensinamentos esses que proporcionavam a aquisição de habilidades socialmente valorizadas, como por exemplo, a arte de bem falar e bem escrever.

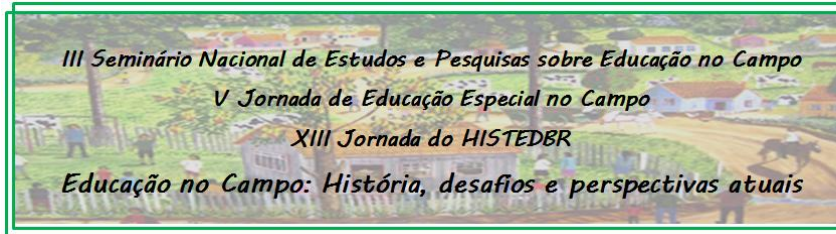
O caráter elitista do ensino secundário com o passar dos anos foi se perdendo devido às tentativas de democratização do ensino brasileiro, expressas em sucessivas reformas educacionais, que traziam no bojo de suas discussões ora a aprovação, ora a condenação do ensino humanístico.

Essas tentativas democratizações tiveram principal expressão a Lei nº5692/71 que colocou fim aos exames de admissão para ingresso no curso ginásial (primeiro ciclo do ensino secundário), trazendo uma maior oportunidade de ingresso no ensino secundário, para aqueles não tinham condições e oportunidades de estudar em cursos preparatórios.

Além disso, a mesma lei trouxe ainda outras mudanças como a utilização das denominações: ensino de primeiro grau e ensino de segundo grau; substituindo as denominações: ciclo primário e secundário.

Essa lei, no entanto, não foi à primeira medida tomada em direção à democratização do ensino e também não solucionou o problema relativo às vagas e à inserção das camadas menos favorecidas na escola secundária. Antes disso, houve a criação de escolas profissionais, no ano de 1937, como tentativa de amenizar a discrepância no nível de escolarização dos jovens brasileiros e ao mesmo tempo em que atendia às necessidades da sociedade devido ao processo de industrialização pela qual o país passava. (ZOTTI, 2006).

Desse modo, foram criadas “[...] as escolas profissionais, [e] estabelece-se o conflito entre elas e as escolas secundárias. As primeiras vistas como escolas do povo trabalhador; as segundas como escolas das elites ociosas.” (LIMA, 1973, p. 43). No sul do Mato Grosso essa configuração relativa ao surgimento das escolas secundárias e profissionais ocorreu de maneira distinta quando comparada a alguns dos estados brasileiros. Devido à implantação tardia do ensino secundário no sul do Mato Grosso,



[...] a organização do ensino secundário em Mato Grosso se entrelaça com o surgimento das primeiras instituições escolares feitas para oferecer o curso profissionalizante normal e comercial ou, em um segundo momento histórico das escolas ali instaladas, o curso ginásial. (OLIVEIRA, 2012, p. 2).

O ensino secundário brasileiro embora já houvesse passado por significativas as reformas como a Reforma Benjamin Constant (1890) e a Reforma Maximiliano (1915) entre outras; nesse momento usava escola profissional, como outro ramo do ensino secundário, para solucionar os problemas da classe menos favorecida. No sul de Mato Grosso, no entanto, a instalação de ambas deu-se quase que concomitantemente com as reformas de 1931 e 1942.

Quando tratamos especificamente da sociedade corumbaense, até o ano de 1925, as três escolas existentes, Colégio Salesiano Santa Teresa, Ginásio Imaculada Conceição e Ginásio Maria Leite, eram instituições particulares.

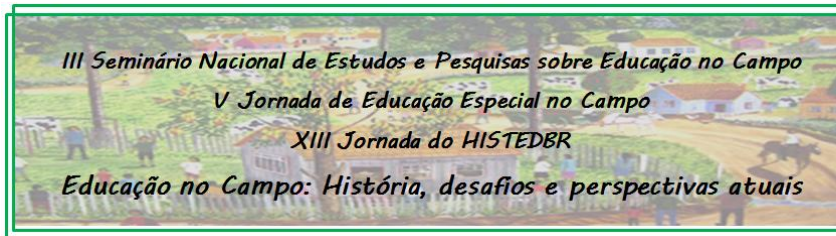
O Ginásio Maria Leite foi privado de 1918 até 1925, com o nome de Gymnasio Corumbaense, posteriormente a essa data foi encampado pelo governo Municipal, pela Resolução nº 14, de 21 de janeiro de 1925, recebendo o nome de sua fundadora, passando-se a chamar Ginásio Maria Leite, conservando seu caráter elitista. (BRITO, 2001).

No sul do Mato Grosso o prestígio conferido aos estudantes do ensino secundário era o mesmo, não importando se era do ensino secundário, normal ou comercial. Pois poucos jovens tinham a oportunidade de estudar em qualquer uma delas.

A Cultura da Escola nas Memórias de Renato Báez e Alceste de Castro

Esse tópico tem como principal objetivo, identificar elementos da cultura da escola evidenciada por Alceste de Castro e Renato Báez em suas obras. Consideramos aqui, o fato de que tais memórias carregam elementos dos pertencimentos de classe social e religião dos autores. Afinal, não há uma memória puramente individual, uma lembrança não se constrói sem a memória coletiva, pois ao relatar uma lembrança,

Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória



individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio. (HALBWACHS, 1990, p. 58).

Embora Alceste de Castro escreva sobre momentos por ele vivenciados, e Renato Báez escreveu sobre fatos e ocasiões por ele pesquisados, a partir de outros sujeitos; os dois autores complementam-se tendo em vista que é possível identificar narrativas semelhantes a respeito das práticas, rituais e elementos escolares.

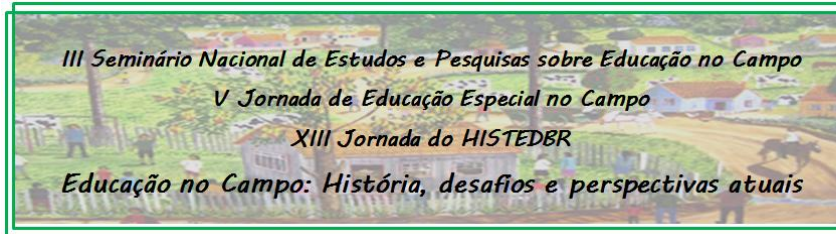
Embora o Colégio Santa Teresa e Colégio Imaculada Conceição já estivessem em funcionamento desde meados de 1900, segundo Báez (1965), não existia ensino secundário em Corumbá até 1914, pois os mesmos ofereciam apenas o primário.

A partir de 1914, o ensino secundário começou a ser oferecido por iniciativa de professores particulares e pessoas tidas como ilustres na sociedade. No ano de 1918 a professora Maria Leite fundou a Sociedade de Instrução Corumbaense, que no ano seguinte passou a chamar-se Ginásio Corumbaense, subvencionada pela Prefeitura Municipal. Apenas em 1928 a instituição ganha o nome de sua fundadora, sendo chamado então, Ginásio Maria Leite. No Colégio Salesiano Santa Teresa o ensino secundário entrou em funcionamento apenas, em 1934, e o Ginásio Imaculada Conceição, em 1937. (BÁEZ, 1988).

Conforme a narrativa de Báez (1979), a sociedade corumbaense era em sua maioria religiosa, não somente devido à colonização portuguesa, mas também pela chegada de imigrantes de tradição católica como paraguaios, bolivianos, uruguaios e italianos.

Quando tratamos da tradição escolar identificamos a cultura religiosa como elemento presente em mais de uma instituição, regendo normas e comportamentos. É possível observar sua influência nas práticas, hábitos, rituais e festas religiosas. Essa é a principal característica da cultura da escola identificada nas instituições de ensino corumbaenses. Principalmente, se levarmos em consideração que duas das três escolas eram confessionais salesianas com ensino separado masculino e feminino. .

Conforme aponta Souza (2004), as festas de São João e Santo Antônio, por exemplo, eram elementos marcantes da tradição do povo corumbaense, tanto das camadas populares quanto das elites locais.



[...] é possível identificar já naquele momento uma distinção entre as comemorações de setores da elite local, que se reuniam em seus clubes e salões, e a forma popular, realizada em frente às casas. A dança, o baile pela noite adentro, era uma das características, não só dessas festividades juninas, mas, em geral, de todas as comemorações religiosas. (SOUZA, 2004, p. 343).

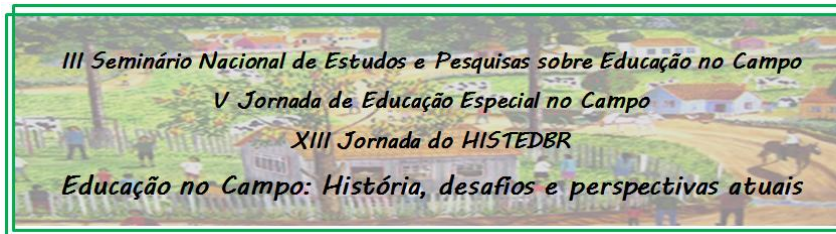
Ao tratar das tradicionais festas de Nossa Senhora da Conceição, Báez (1974) chama-nos a atenção para as festas de formatura dos colégios confessionais, colocando-as também como um acontecimento social de grande prestígio,

Há uma interessante coincidência: as festas de formatura escolar do GENIC – Ginásio e Escola Normal Imaculada Conceição e de outros estabelecimentos de ensino sob orientação salesiana, recaem sempre no dia 8 de dezembro, quando se festeja a Santa. Sendo a CONCEIÇÃO a Padroeira do Colégio e Escola Normal do mesmo nome, educandário a cargo das Filhas de Maria Auxiliadora (FMA), Instituição Fundada por Santa Maria Dominga Mazzarello, as antigas e sempre atuais alunas se congregam nesta data, vestidas impecavelmente de branco, para participarem da Missa comemorativa e de grandiosa procissão, realizada na parte da tarde, percorrendo as ruas centrais de Corumbá, precedida da Banda de Música, a executar hinário sacro e dobrados de seu vasto repertório. (BÁEZ, 1974, p. 60).

É necessário compreender que a cultura escolar é cunhada em uma zona de tensões de outras culturas; uma cultura crítica, acadêmica, religiosa e social. E essas, juntamente com subjetividade dos agentes que operam nesse espaço originam uma cultura da escola própria e avessa aos universalismos.

No caso da sociedade corumbaense, as festas de Nossa Senhora Imaculada da Conceição configuravam-se como festas de prestígio, visto que eram comemoradas juntamente com a formatura dos colégios confessionais. Colégios esses que eram marcados pela seletividade dos alunos que os frequentavam.

Tal seletividade pode ser constatada quando Manfroi (1997) relata a experiência salesiana em Corumbá: “O Colégio Santa Teresa contempla o desejo do centro da elite de Corumbá, forma suas principais lideranças [...]”. (MANFROI, 1997, p. 64-65). O estabelecimento adquiriu essa característica logo que os salesianos chegaram à cidade no ano de 1889, época em que era oferecido apenas o ensino primário e com a criação do curso secundário na década de 1930 teve esse caráter intensificado.



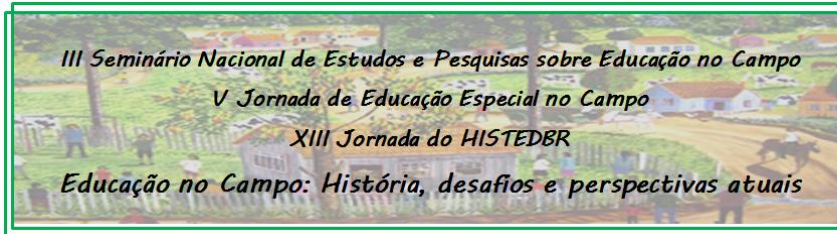
Assim como as festas religiosas, as procissões eram um acontecimento de extrema importância na ambiência escolar dos estabelecimentos de ensino secundário, onde novamente observamos a cultura religiosa da sociedade corumbaense compondo a cultura da escola dos estabelecimentos de ensino secundário corumbaense. Alceste de Castro se recorda da importância para os dirigentes do estabelecimento, ao mesmo tempo em que para os alunos era um momento de diversão, de modo que relata:

E as procissões solenes, quando o Colégio todo de gala, em duas alas, ia com a sua longa fila cantando e rezando! E o Macelaro contando anedotas! E o Padre Audisio chegando-se a ele e dizendo, com aquela voz de barítono, sem perder a melodia do canto sacro: - Mais uuma anedoota e serááá suspeenso! Alfredo Macelaro aperta a mãos, contritamente, e segue, calado, toda a santa procissão. E ninguém mais fala, ninguém olha para traz, ninguém mais quer conversar. (CASTRO, 1981, p. 27).

Tratando ainda de tradições escolares, observamos um fato recorrente nas obras de Renato Báez. Na época era costume das instituições escolares a realização de concursos entre os alunos. Tradição essa que se expressa de forma mais marcante nos concursos de poesias do Ginásio Imaculada Conceição, uma tradição que durou mais trinta anos.

A instituição realizava tais concursos de poesias principalmente em ocasiões festivas, como aniversário da cidade, aniversário da instituição, cerimônias de formatura, período de recesso da instituição, feriado de sete de setembro; todos eram motivos para que as alunas escrevessem suas poesias. A escritora da melhor produção literária ganhava a honra de tê-la publicada no Jornal da “União”, o impresso de maior prestígio e circulação da época, possibilitando o aumento do capital simbólico das alunas vencedoras.

“O capital simbólico [...] refere-se aos diferentes tipos de capital envolvidos e/ou valorizados no campo, ou seja, não existe por si mesmo nem é independente dos demais, ou seja, é um bônus que, associado ao capital, valoriza-o mais”. (GONÇALVES; GONÇALVES, 2010, p. 58). No caso do campo educativo a posse de certificados, medalhas e publicações valorizam o capital cultural e escolar adquirido na instituição, dando reconhecimento extra a suas ações.



De uma forma geral notamos que na instituição educativa, os saberes e fazeres escolares não se mantinha somente entre os muros da escola. Havia uma participação da comunidade dentro da escola e da escola na comunidade. Não somente nos concursos, mas em outros espaços escolares.

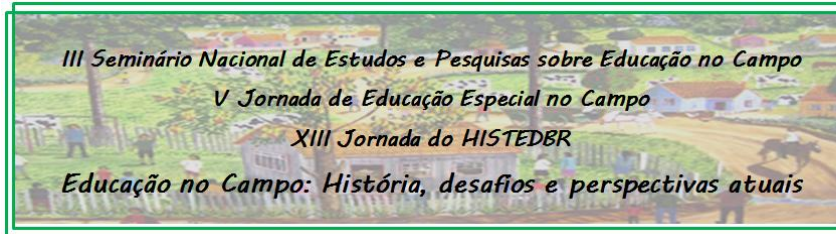
Quando nos reportamos às memórias de Alceste de Castro, temos, por exemplo, os teatros de fim de ano do Colégio Salesiano Santa Teresa, o mesmo se recorda que “O Teatro de fim de ano do colégio salesiano era a suprema festa de Corumbá, o ponto alto das festividades escolares... ainda não havia ‘Maria Leite’ e nem Cine Anache e Cine Tupi...” (CASTRO, 1981, p. 26). Temos aqui a cultura de uma cidade sendo influenciada pela cultura escolar.

Não podemos perder de vista que “[...] o sistema escolar forma não somente os indivíduos, mas também uma cultura que vem por sua vez penetrar, moldar, modificar a cultura da sociedade global.” (GONÇALVES; FARIA FILHO, 2005, p. 36). Na época muitas das atividades escolares do ensino secundário faziam parte das atividades culturais das famílias corumbaenses. Não somente para aqueles que cujos filhos ou parentes estudavam no estabelecimento, mas para todos aqueles que quisessem fazer parte da alta sociedade.

Isso, porque o espaço escolar, não está restrito apenas às salas de aula, embora essa seja sua maior expressão. O espaço a que nos referimos compreende todos os locais onde encontramos práticas pedagógicas com vistas ao ensino-aprendizagem. Como exemplo, temos os pátios, auditórios e laboratórios.

Da mesma forma, os teatros também podem ser considerados espaços escolares. A partir das peças de teatros realizadas pelos alunos, os mesmos aprendiam sobre Literatura, História e Artes. Para os alunos envolvidos “[...] os teatros de fim de ano! [Eram] Solenes! Vibrantes! Sadios!” (CASTRO, 1981, p. 26). O momento representava a responsabilidade de manter viva a tradição escolar através de uma participação excelente. Além de ser um momento de participação social, havia também ampliação de capital cultural e escolar.

O capital cultural pode existir sob três formas: no *estado incorporado*, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no *estado objetivado*, sob a forma de bens culturais [...] e enfim, no *estado*



institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao *certificado escolar*, ela confere ao capital cultural – de que é, supostamente, a garantia – propriedades inteiramente originais. (BOURDIEU, 1999, p. 74, grifos do autor).

Assim, dentro da instituição escolar o capital cultural transforma-se em capital cultural institucionalizado, ou capital escolar. No caso dos teatros do colégio, observa-se a utilização das apresentações de fim de ano como uma prática pedagógica, que culmina na distinção dos alunos da instituição, visto que proporciona não somente o aprendizado dos conteúdos escolares, mas também a participação social.

Assim, dentre as funções sociais do ensino secundário, podemos também identificar a ampliação do capital social. De acordo com Báez, “Fundou-se, em 1930, o 1º Centro de Estudantes de Corumbá, por iniciativa de um pugilo de jovens desejosos de seu aprimoramento cultural e com o objetivo de aproximação maior entre os anos do Colégio ‘Santa Teresa’ e ‘Maria Leite’”. (BÁEZ, 1988, p. 7).

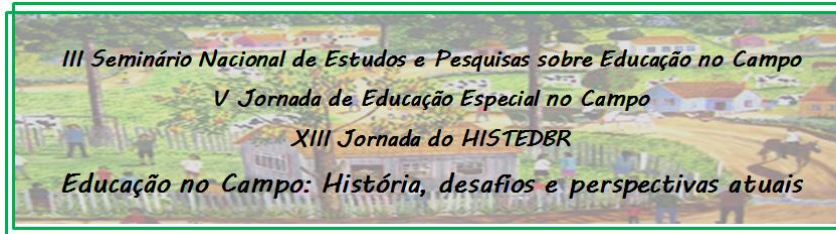
A criação de um centro de estudantes por iniciativa dos próprios alunos implicou não somente o desejo de aprofundar-se nos estudos, mas a ampliação do capital social dos secundaristas. De acordo com Bourdieu, o capital social pode ser compreendido como,

O conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma *rede durável* de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à *vinculação a um grupo*, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns [...] mas também são unidos por *ligações* permanentes e úteis. (BOURDIEU, 1999, p. 67, grifo do autor).

Ser um estudante do ensino secundário em Corumbá na década de 1930 era sinônimo de prestígio e distinção social, o acesso era para uma restrita quantidade de alunos. Para aqueles que viriam a se tornar prefeitos, deputados, empresários, engenheiros, médicos, advogados e procuradores era necessário que amizades e casamento fossem feitos dentro de um círculo social e intelectual.

Considerações Finais

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



O presente artigo apresentou contribuições para aproximação da cultura da escola de ensino secundário corumbaense, a partir da utilização da memória como fonte de pesquisa.

A leitura nas obras memorialísticas de Renato Báez e Alceste de Castro evidencia uma cultura da escola carregada de elementos da cultura religiosa corumbaense e marcada pela seletividade do ensino nos anos 1920-1970 e, principalmente, pela escassez de estabelecimentos.

Constatamos também que a cultura da escola influenciava a cultura da cidade e vice-versa. Os eventos da escola eram também acontecimentos sociais; formaturas, festas, procissões religiosas, teatros eram elementos característicos da escola que envolvia sujeitos além dos muros da escola.

Os jovens e crianças que tinham a possibilidade de ingressar na escola secundária eram preparadas para a ocupação de importantes cargos da sociedade corumbaense, por isso a consciência política, o desejo de ascensão social eram inculcados logo cedo, formando uma elite intelectual.

Os autores supramencionados nos proporcionaram a compreensão da função social do ensino secundário, mesmo embora tenham não tratassem necessariamente das práticas pedagógicas e métodos de ensino.

Referências

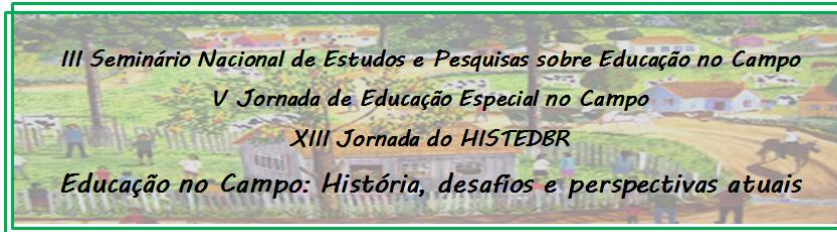
BOSI, Icléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 2ed. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRASIL, Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Disponível em: <<http://www.fc.unesp.br/~lizanata/LDB%204024-61.pdf>> Acesso em: fevereiro de 2014.

BRITO, Silvia Helena Andrade de. **Educação e sociedade na fronteira oeste do Brasil**: Corumbá (1930-1954). 2001. Tese (Doutorado em Educação)- UNICAMP, Campinas, SP, 2001.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.



GONÇALVES, Irlen Antônio; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História das culturas e das práticas escolares: perspectivas e desafios teórico-metodológicos. In: SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa (Org.). **A cultura escolar em debate**: questões conceituais metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. p. 31-58.

GONÇALVES, Nadia G.; GONÇALVES, Sandro A. **Pierre Bourdieu**: Educação para além da reprodução. Vozes: Petrópolis. 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. De Laurent Léon Schaffer. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001.

LIMA, Lauro de Oliveira. **Escola secundária moderna**: organização métodos e processos. 10 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

MANFROI, José. **A missão salesiana e a educação em Corumbá: 1889-1996**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 1997.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na primeira república**. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

OLIVEIRA, Stella Sanches de. A pesquisa sobre a escola secundária brasileira na primeira metade do século XX: Por uma história da educação do sul de Mato Grosso: In: XI Encontro de Pesquisa em Educação da Anped Centro-Oeste, **Anais eletrônicos...** Corumbá, Mato Grosso do Sul, 2012. Disponível em: <<http://www.anpedco2012.ufms.br/trabalhos/GT2/ARTIGO/RO-005.pdf>> Acesso em: dezembro de 2012.

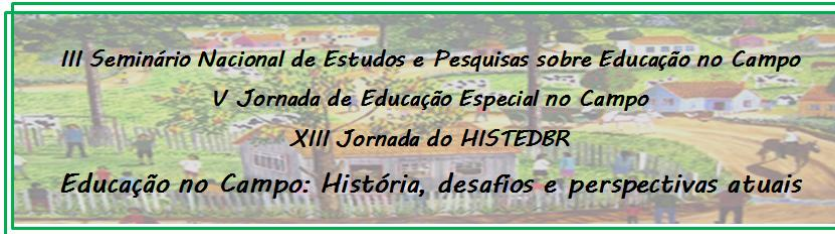
SILVA, Alice Felisberto. Da história conhecida (oficial) à história vivida: Considerações sobre a análise de obras memorialísticas nos estudos historiográficos em educação. In: Encontro de História da Educação do Centro-Oeste2, 2013. Dourados. **Anais...** Dourados, 2013.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. **Educar em revista**, Curitiba, n. 28, p. 201-206, 2006.

SOUZA, João Carlos de. O caráter religioso e profano das festas populares: Corumbá, passagem do século XIX para o XX. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.24, nº 48, p. 331-351. 2004.

ZOTTI, Solange Aparecida. O ensino secundário nas reformas Francisco Campos e Gustavo Capanema: um olhar sobre a organização do currículo escolar. In: **Congresso**

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



Brasileiro de história da educação 4, 2006. Goiânia; Anais... Goiânia, 2006. Disponível em: < <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo01/Solange%20Aparecida%20Zotti%20-%20Texto.pdf>>. Acesso em: abril de 2014.

ZOTTI, Solange Aparecida. O ensino secundário no império brasileiro: considerações sobre a função social e o currículo do colégio D. Pedro II. **HISTEDBR Online**, Campinas, n. 18, p. 29 - 44, jun. 2005. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/revis/revis18/art04_18.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2014.

FONTES

BÁEZ, Renato. **Cenas de Minha Terra**. São Paulo: Tipografia e livraria Brasil, 1965a.

BÁEZ, Renato. **Corumbá: Esboços e Sentimentos**, São Paulo: Resenha Tributária Ltda, 1988a.

BÁEZ, Renato. **Corumbá: Homenagens e mosaicos**, São Paulo: Resenha Tributária Ltda, 1988b.

BÁEZ, Renato. **Corumbá: Textos e Idéias**, São Paulo: Resenha Tributária Ltda, 1982.

BÁEZ, Renato. **Corumbá: Episódios e Comentários**, São Paulo: Editora Resenha Tributária Ltda, 1979.

BÁEZ, Renato. **Corumbá: Reportagens e Pesquisas**. São Paulo: Vagner Bicego, 1974.

CASTRO, Alceste de. **Corumbá de Antigamente**. Corumbá, MT: Gráfica São Domingos, 1981.